

Teses

Resumo teses defendidas no
Programa de Pós-graduação
em Geografia/UFMG no
2º semestre de 2011

Análise ambiental de trilhas em unidades de conservação - Parque Nacional do Caparaó-MG

As trilhas são equipamentos fundamentais para o funcionamento adequado das áreas protegidas. Apesar disto, tem sido despendidos poucos esforços técnicos e financeiros para subsidiar e efetivar o manejo e conservação destes importantes equipamentos. Existe carência na definição de meios efetivos, de diagnóstico e monitoramento de trilhas, que possam ser aplicados nas Unidades de Conservação brasileiras. O objetivo principal deste trabalho é gerar subsídios para definição de uma metodologia de diagnóstico e monitoramento de trilhas, focalizada em aspectos pedológicos e geomorfológicos, que possa atender a esta demanda.

Para desenvolvimento da pesquisa foram escolhidas, como estudo de caso, as trilhas de acesso ao Pico da Bandeira, no Parque Nacional do Caparaó - MG. Os resultados principais permitiram a caracterização destes equipamentos, apontando um quadro de alterações ambientais acentuadas, na trilha com acesso pelo lado de Minas Gerais. Estas alterações são decorrentes do fluxo intenso de visitantes e permissão de utilização de mulas de carga. Já a trilha com acesso pelo lado do Espírito Santo apresentou-se mais conservada, principalmente em função do uso menos intenso e da não utilização de mulas de carga.

Foi possível a definição, e teste, dos indicadores ambientais aplicáveis aos processos de diagnóstico e monitoramento de trilhas no Parque, baseados em aspectos pedológicos e geomorfológicos. A partir destes resultados foi gerado um sistema gráfico e cartográfico de representação, que constitui uma importante ferramenta facilitadora da análise, compreensão e utilização dos resultados nas atividades de diagnóstico e monitoramento de trilhas no Parque Nacional do e Caparaó. Este sistema mostrou grande potencial para aplicação em outras Unidades de Conservação brasileiras, já que foi baseado em aspectos e conceitos pedológicos e geomorfológicos abrangentes.

Na cidade brasileira entre os séculos XIX e XX: periferias e centros, pobres e riquezas

Esta tese é uma investigação sobre a estrutura intraurbana e a vida na cidade brasileira entre os séculos XIX e XX. Do estabelecimento de uma periodização histórico-geográfica, isto é, de uma periodização histórica orientada ao espaço – tomado aqui como inseparável das relações sociais –, extraem-se as correspondências entre a estrutura intraurbana, a vida na cidade e o modo de produção no Brasil entre os séculos XIX e XX. Situadas tais correspondências no âmbito da reprodução das relações sociais capitalistas de produção, conclui-se servirem-se essas últimas do espaço, tanto quanto do tempo e do corpo, na esfera mesma da vida (e da morte).

Foi esta investigação baseada em fontes secundárias – textos científicos, obras literárias, depoimentos orais e fotografias. Quanto aos primeiros, tratou-se de reunir em diálogo diferentes autores de diferentes áreas do conhecimento, na tentativa de abranger um universo composto por seis cidades – Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo –, atravessando-se um século. Quanto às demais, tratou-se de restituir algo daquele “onde” e “quando” estiveram escritores, narradores e fotógrafos e não puderam pesquisadores estar.

Vitor Marcos Aguiar de Moura

Orientadora:

Profª Dra Cristiane Valéria de Oliveira

Data de Defesa:

08/07/2011

Área de Concentração: Análise

Ambiental

Alicia Duarte Penna

Orientadora:

Profª Dra Heloisa Soares de Moura Costa

Data de Defesa:

19/08/2011

Área de Concentração:

Organização do Espaço

Sertões do mundo, uma epistemologia

A ideia de sertão é bastante difundida nas imagens do senso comum, dos saberes populares, das ciências, das artes verbais, da literatura, do cinema, das artes plásticas, da música, dentre muitos outros saberes. O conceito de sertão, entretanto, salvo do ponto de vista físico, é pouco estudado. As imagens do sertão, dispersas nos mais diversos saberes, nos convidam a observar a multiplicidade de significações que compõem o conceito. Essa multiplicidade nos estimula a ampliar o conceito de sertão e a ler e compreender os contemporâneos movimentos do espaço a partir das imagens desse conceito. Para além das significações construídas nos mais de quinhentos anos de história do Brasil, o velho sertão não apenas permanece, como também se inscreve no mundo contemporâneo em múltiplos espaços, surgindo em novas configurações. O espaço é complexo: múltiplo, heterogêneo, esgarçado, indivisível: rugoso. O sertão se prolifera nos mais diversos lugares, experimentando e condensando também todas essas características do espaço em sua totalidade, ao qual chamamos mundo. Como traduziu Guimarães Rosa, o sertão está em toda parte. Coexiste nos lugares que permanecem intocados pelos processos de modernização e nos espaços hipermodernizados. Resiste no nome do sertão bravo e surge em lugares nunca antes denominados sertões. Se na sua origem a palavra sertão foi preenchida por significações do tipo lugar longínquo, desconhecido, desabitado, isolado, selvagem, bárbaro, incivilizado, a maioria dessas significações continuam sendo inscritas, na contemporaneidade, não apenas nos diversos lugares do mundo em que os processos de modernização não chegaram, mas também nos interiores dos lugares hipermodernizados, como, por exemplo, as favelas das metrópoles e das megalópoles. Para quem o sertão é o longínquo, o bárbaro, o selvagem, o incivilizado? Do sertão de que tempo-espaço se fala? Como foi e é construída a ideia de sertão? Quais significações constituem as múltiplas faces dos espaços que podem ser denominados sertão ou lugares-sertão? A partir do que se denomina uma cosmologia do sertão, exercício de reflexão teórica sobre o conceito, que se faz no contato com as imagens de sertão dispersas nos saberes literários, não-literários, nas artes verbais, elabora-se um exercício teórico, epistemológico, de reflexão. sobre alternativas de abordagem das questões socioespaciais. Essas alternativas consistem em estudar o sertão no âmbito da ciência, neste caso a geografia, no contato, com as representações e todos esses saberes. Investe-se em outro tipo de ciência, diferente da moderna. Uma ciência que se reinventa e se fortalece a partir da prática de uma ecologia de saberes, do diálogo que se pode se construir nos diversos espaços de fronteiras entre saberes: científicos, artísticos, populares, do senso comum, etc. Abordam-se, também, os conceitos de lugar e território, essenciais à argumentação da tese, uma vez que ela se fundamenta na compreensão do sertão como um lugar-cosmo que, ao emergir em diversas partes, nos permite refletir sobre territórios de sertões do mundo. Esses territórios, sertões do mundo, são ainda apresentados como uma alternativa epistemológica para a reflexão dos diversos mundos do chamado Sul Sociológico, que emergem nos mais diversas escalas, em toda parte.

A geografia urbana do camelô belo-horizontino

A pretensão deste trabalho é questionar alguns mitos criados no fim do século vinte acerca das relações socioespaciais na área central de Belo Horizonte. Um dos principais pontos de debate diz respeito ao estigma, criado a partir da década de 1970, de degradação e caos na região central da cidade. Sendo assim, o que é chamado de degradação é tomado aqui como um processo de popularização do centro, que se intensifica nas décadas de 1980 e 90. Há uma interpretação corrente de que as elites saem da área central por causa da degradação socioambiental instaurada. Pretende-se aqui tomar o caminho inverso, assumindo o pressuposto de que é no momento em que as elites buscam novos espaços de consumo que ocorre um relativo abandono, por parte do poder público, da área central, iniciando-se assim certa degradação. Para efeito de análise, foram tomados o mito do caos sob a ótica do conflito e o processo de degradação como popularização do centro. Além disso, foi feita uma análise do processo de construção do Código de Posturas 2003, que determinou a saída dos camelôs das ruas da cidade, especialmente na área central. Será dada especial atenção para o caso dos camelôs, visto que foram os principais atores responsabilizados pela imagem de degradação e caos da área central de Belo Horizonte.

O phármakon da democracia eletrônica na gestão territorial urbana

A globalização continua fragmentando o espaço, tornando-o ora homogêneo ora heterogêneo. A cidade é lócus essencial da dinâmica global uma vez que está configura em rede, embora em posições diferenciadas na hierarquia urbana. Estar em rede significa possuir um caráter de ligação, conexidade que irá atuar na produção do espaço na ou reconfiguração do mesmo. Essa produção não é neutra, mas sim carregada de sentidos, articulações e jogos de interesses. As novas condições técnicas deveriam permitir a ampliação do conhecimento do planeta, dos objetos que o formam, das sociedades que o habitam e dos homens em sua realidade intrínseca, todavia, nas condições atuais, as tecnologias da informação e comunicação são utilizadas por um considerável contingente de atores em função de seus objetivos particulares. Essas tecnologias são apropriadas por alguns setores estatais e por algumas empresas, aprofundando assim os processos de criação de desigualdades e tomada de poder por um grupo específico. Atualmente a cidade é uma cibercidade, repleta de redes de telecomunicações, informática e informações on-line, existindo assim um movimento de virtualização do urbano que interfere na sua organização e planejamento. O virtual contribui para a des-re-territorialização, gerando diversas manifestações concretas em diferentes momentos e locais determinados, sem, contudo, estar preso a um lugar ou tempo. Nessa lógica de democracia eletrônica, o computador e a internet são antes de tudo operadores para potencialização da participação. A comunicação via rede de computadores é um complemento, um adicional dos processos tradicionais, pois possibilita a configuração de maneiras originais para construir coletivos inteligentes na sociedade contemporânea. Dessa forma, o conceito de democracia eletrônica e governo eletrônico ganham destaque, tendo como uma das possibilidades mais positivas de sua aplicabilidade no campo da cidade que se enriquece com a entrada em cena de novos atores nos debates sobre temas que interferem na qualidade de vida da sociedade civil. O governo eletrônico é uma política pública que tende a colocar o cidadão e a cidadania como foco central, pois representa um conjunto de ações sociais desenvolvidas pela administração pública direta, visando o investimento em transparência e estímulo ao relacionamento com o cidadão. A investigação desse

Cláudio Roberto de Jesus

Orientador:

Prof Dr Geraldo Magela Costa

Data de Defesa:

30/08/2011

Área de Concentração:

Organização do Espaço

Vandeir Robson da Silva
Matias

Orientador:

Prof Dr Ralfo Edmundo da
Silva Matos

Data de Defesa:

21/10/2011

Área de Concentração:

Organização do Espaço

processo, pelo conceito de *phármakon* (“remédio” e/ou “veneno”) em Belo Horizonte, constatou o advento de um novo tipo de democracia e espaço público ligado à tecnologia, todavia percebe-se que essa nova democracia é tão incompleta quanto a tradicional com: número de participantes reduzido, apatia política, escassez de recursos para participação e deficiência de informação. Observou-se que na realidade, governo eletrônico e a ciberdemocracia são inovações do governo, ainda sem a devida solidez. Entretanto experiências como o Orçamento Participativo digital em Belo Horizonte, nos anos de 2006 e 2008, garantiram o aumento do número de participantes na gestão territorial urbana da cidade. As tentativas de melhoria do processo estão em andamento e os elementos deficientes da democracia eletrônica são a ausência de regularidade dos processos participativos digitais, deficiência de informações processuais e a escassez de instrumentos para acompanhar obras públicas.